

Resenha

Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano
(HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000)

Mariana Lemos de Morais BEZERRA¹

Em *Antropologia do Ciborgue – As Vertigens do Pós-Humano*, é possível compreender a tradução da realidade por meio de um ponto de vista ambíguo, em momentos sobre um plano cartesiano, onde o mundo seria monitorado por um conjunto de forças que agem sobre os seres e condicionam em algumas medidas suas noções básicas da existência, para um permanente aperfeiçoamento das percepções corporais e subjetivas, experimentadas de maneira específica por cada indivíduo. E em outras ocasiões sob uma perspectiva pós-moderna, onde o meio material seria determinado por um fenômeno que é possível considerar uma profusão de subjetividades, a fim de permitir o convívio em rede entre variadas formas de vidas e infinitas modalidades de troca entre elas.

O livro contém os ensaios Haraway², Kunzu³ e Tadeu onde eles expõem que a condição humana surgiu da polarização sexual, intrínseca à natureza da espécie, e originada

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Pragmática da Comunicação e da Mídia.

E-mail: lmbmariana@gmail.com

² O ensaio de Donna Haraway é traduzido do capítulo 8, “A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century”, do livro da autora, *Simians, Cyborgs, and Women. The Reinvention of Nature*, publicado pela editora Routledge. © Donna J. Haraway 1991. Reproduzido no livro em análise com permissão de Taylor & Francis, Inc./Routledge, Inc., <http://www.routledge-ny.com>.

É doutora em Biologia pela *Yale University* (EUA), possuindo incursões em Filosofia, Antropologia e Literatura. Feminista militante, sua obra influenciou fortemente os chamados estudos culturais e os estudos sociais em ciência e tecnologia. Atualmente exerce o cargo de professora, vinculada aos departamentos de História da Consciência e Estudos Feministas, na *University of Santa Cruz, Califórnia* (EUA).

³ Além do Manifesto do Ciborgue o livro trás os textos de Hari Kunzru “Você é um ciborgue: Um encontro com “Donna Haraway” e “Genealogia do Ciborgue”, foram originalmente publicados na revista *Wired*, 5.02, 5 de fevereiro de 1997. © Hari Kunzru, 1997. Reproduzidos aqui com a autorização do autor. Ele estudou Inglês na Wadham College, Oxford, em seguida, ganhou um mestrado em Filosofia e Letras da Universidade de Warwick.

por visões críticas da condição histórica do sexo feminino, de suposta submissão ao homem, dessa maneira é possível identificar uma narrativa de ordem feminista e emancipatória.

Donna Haraway chama atenção pela forma distinta que se relaciona com a ciência e a tecnologia. Vale iniciar pelo trajeto da mesma, que foi relativamente tradicional. Como observou o ensaísta Hari Kunzru, “Haraway pode ser considerada uma pensadora pioneira sobre a relação de amor e ódio das pessoas com as máquinas” (KUNZRU, 2000, p.20).

No final da década de 1960, Haraway estava na Universidade de Yale, estudando para conseguir seu doutorado em biologia celular, no mesmo período morava numa comunidade alternativa e militava no movimento feminista e dos direitos civis. Ironicamente ela é uma veterana da contracultura dos anos 60, “uma época que não é conhecida por sua fé na transformação tecnológica” (KUNZRU, 2000, p.22).

“No final dos anos setenta, Haraway estava na Universidade Johns Hopkins, lecionando História da Ciência e pensando sobre macacos e sobre as pessoas que os estudam” (KUNZRU, 2009, p. 30). Em seguida, nos anos 1980, foi convidada por Hayden White para se juntar ao departamento de História da Consciência na universidade de Santa Cruz da Califórnia, onde prosseguiu com seu estudo no campo da história das ciências e da teoria feminista.

De acordo com o relato, robôs e pessoas artificiais sempre fizeram parte da imaginação ocidental, pelo menos desde o iluminismo, um exemplo disso é o Frankstein de Mary Shelley. No entanto, o termo ciborgue é utilizado apenas da metade do século XX. No final da década de 1950 em um hospital americano, um experimento de sucesso conseguiu atrelar um rato a uma bomba osmótica que modificava seus parâmetros fisiológicos. Essa união de um corpo orgânico a uma máquina deu origem ao termo organismo cibernético, abreviado simplesmente para ciborgue.

No manifesto, Haraway argumenta que “o ciborgue - uma fusão de animal e máquina – joga pela lata do lixo as grandes oposições entre natureza e cultura, *self* e mundo, que atravessam grande parte do nosso pensamento” (KUNZRU, 2000, p.25). A autora utiliza um personagem recorrente na ficção científica contemporânea, na tentativa da criação de um mito político, pleno de ironia, com a função de subverter. Ele é um elemento

gerador de instabilidade política, um questionador de identidades tidas por imutáveis, mas que seriam, de fato, ontologicamente construídas em função de contextos políticos assimétricos. Desse modo, Haraway recorre a imagem do híbrido. Inicialmente, não se trata do híbrido resultante da fusão do ser vivo ao arranjo inanimado, mas do vivo completamente artificial, portanto não adquire identidade diferenciando-se do ontológico primordial.

Seu ciborgue é arma de retórica política que expõe o totalitarismo contido nos mitos de origem, o do gênero, o da natureza que se contrapõe à cultura, o da redenção futura do pecado original que vitimou o Homem, entre outros. Em linhas gerais, o seu ensaio é uma metáfora para a crítica da identidade em favor da diversidade e para exigir a perspectiva de uma apropriação politicamente responsável da ciência e da tecnologia.

Por se tratar de uma literatura que proporciona uma grande análise das relações entre o feminismo e as novas tecnologias, é a primeira abordagem, inserida no estudo das teorias feministas, sobre mulher e tecnologia, assim, o ensaio tornou-se uma referência teórica do ciberfeminismo.

Com as novas tecnologias, os limites entre os animais e os seres humanos, entre o orgânico e o inorgânico, entre cultura e natureza entram em crise. A microeletrônica deriva de uma desmaterialização numérica do planeta, numa indiferenciação cada vez maior entre o visível e o não-visível, entre o físico e o não-físico. A biotecnologia indica uma nova compreensão sobre o que seria a vida, focando a sua dimensão molecular.

A obra de Haraway é uma verdadeira intersecção de caminhos, dessa maneira, nela se reúnem várias disciplinas acadêmicas, como: Biologia, Antropologia, História e Arte. Além de diversas tecnologias, por exemplo: fotografia, manipulação genética e agricultura. O discurso é constituído por meio das suas experiências e viagens. Portanto, o ensaio é simultaneamente história da ciência, análise cultural, investigação feminina e postura política.

Como já foi citado, o ciborgue é uma espécie de androide, um corpo metade homem e metade robô. Ela também utiliza esse termo para elucidar como as incoerências na política e na teoria feminista devem ser vinculadas, em vez de determinadas, parecida com a união do corpo humano com a máquina. Assim, o ciborgue trás em sua experiência a

construção de um discurso crítico sobre os poderes hegemônicos, consolidando novos significados para a natureza, corpo humano e as relações de diferença.

A metáfora do ciborgue mostra a visão de Haraway para uma ciência feminista, e provoca as mulheres a se engajarem em uma política para além do naturalismo. A inclusão feminina no mundo da tecnologia e da ciência é uma atitude política, indispensável, perante consecutivas transformações paradigmáticas na contemporaneidade. De acordo com autora “a situação real das mulheres é definida por sua integração/exploração em um sistema mundial de produção/reprodução e comunicação que se pode chamar de informática da dominação” (KUNZRU, 2000, p.24). Por isso a necessidade das mulheres “dominarem” as diversas linguagens e a comunicação.

As tecnologias da comunicação e as biotecnologias são ferramentas cruciais no processo de remodelação de nossos corpos. Essas ferramentas corporificam e impõem novas relações sociais para as mulheres no mundo todo. As tecnologias e os discursos científicos podem ser parcialmente compreendidos como formalizações, isso é como momentos congelados das fluídas interações sociais que as constituem, mas eles devem ser vistos também como instrumentos para posição de significados. A fronteira entre ferramenta e mito, instrumento e conceito, sistemas históricos de relações sociais e anatomia histórica dos corpos possíveis (incluindo objetos de conhecimentos) é permeável. Na verdade, o mito e a ferramenta são simultaneamente constituídos (HARAWAY, 2000, p.64).

É importante ressaltar que a autora contesta o conceito habitual da mulher fraca, submissa e muito emocional. “Por gerações, foi dito às mulheres que estavam em sua natureza serem mães em vez de executivas” (KUNZRU, 2000, p.25). De acordo com Tomaz Tadeu, se todas as coisas são naturais denota que elas não podem ser transformadas. Dessa forma, a lógica do corpo estável, permanente e imutável, corrobora com a ideia simplificadora e reducionista de pensar o corpo, reafirmando a contínua relação com a cultura e permanência do conceito tradicional da mulher.

A natureza do corpo está em sucessiva relação com a cultura. As mulheres, os homens, os corpos humanos são naturalmente construídos, tal como um ciborgue. Como qualquer construção, é possível ser reconstruído ou derrubado. Nossa edificação está baseada sobre o formato de rede, que estão envolvidas e são uma parte humana e outra

máquina, complexos híbridos de carne e metal que joga o conceito de dicotomia “para o espaço”. Ao mapear o quadro da localização histórica das mulheres nas sociedades industriais, descreve que:

Prefiro a imagem de uma rede ideológica – o que sugere uma profusão de espaços e identidades e a permeabilidade das fronteiras no corpo pessoal e no corpo político. A ideia de “rede” evoca tanto uma prática feminina quanto uma estratégia multifuncional – tecer é uma atividade para ciborgues opositivas (HARAWAY, 2000, p.76).

São muitas as representações que vêm propagar a interligação dos saberes, dos fatos, das coisas do mundo, tal como a ideia de rede. A complexidade constitui um meio favorável para compreender os procedimentos de inovação. É também uma ferramenta útil para perceber as transformações sociais no mundo, uma vez que desafia as suposições dicotômicas entre: “eu/outro, mente/corpo, cultura/natureza, macho/fêmea, civilizado/primitivo, realidade/aparência, todo/parte, agente/instrumento, o que faz/o que é feito, ativo/passivo, certo/errado, verdade/ilusão, total/parcial, Deus/homem” (HARAWAY, 2000, p.92).

Haraway denomina seu ensaio como um argumento em favor da confusão entre fronteiras e destaca três: humano e animal, o físico e não físico e o humano e a máquina. Nesse sentido, o “mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um componente de um necessário trabalho político” (KUNZRU, 2000, p.46).

A autora ainda mostra que a cultura *high tech* contrapõe-se a esse dualismo. Chega a ser perturbador, visto que, na relação corpo e máquina, nunca está evidente quem fez e quem é feito na relação. “Não está claro o que é mente e o que é corpo em máquinas que funcionam de acordo com práticas de codificação” (KUNZRU, 2000, p.38).

Ainda de acordo com Haraway no coração do ciborgue há uma árdua discussão sobre as modificações nos campos sociais que constituem a nossa realidade. A revolução que a mesma aponta não provoca somente uma reconfiguração de elementos que continuaram ao longo do tempo. Ela abrange uma alteração na qualidade e até mesmo na substância desses elementos. Artefatos, objetos ou até mesmo convenções culturais, como a

língua e os rituais religiosos, acumulam mudanças originadas por indivíduos distintos no decorrer do tempo.

A transformação nos meios comunicacionais sugere em um processo cumulativo, em que pode existir a substituição de suportes antigos por novos e que tem como resultado o fato da cultura relacionada aos meios mais recentes prevalecer. Não é necessário que o humano porte implantes, chips, submetesse a transplantes para que seja chamado de ciborgue. O ser humano é naturalmente ciborgue, já que agrega desde sempre ferramentas que expandem sua mente. Conseqüentemente tem uma redefinição do conceito de mente, que se liberta dos limites da caixa craniana e a estende até os limites da ação humana.

A autora também defende a escrita como uma forma de tecnologia ciborgue, sendo a linguagem um veículo essencial da luta política. Ela não estabelece uma estratégia prática clara, priorizando o uso imaginativo. A imagem do ciborgue, expressa dois argumentos centrais: a de que a teoria universal e totalizante é um grande equívoco, deixando de apreender a maior parte da realidade. E que assumir a responsabilidade pelas relações sociais da ciência e da tecnologia significa recusar a metafísica anticência, uma demologia da tecnologia.

O livro traz a ideia do pós-humano, da relação entre o homem e a máquina, o organizar chama bastante atenção entre esse conflito e a reflexão sobre ciência e política, tecnologia e sociedade, natureza e cultura, e realização de que não existe nada puro. Dessa maneira, refere-se ao ciborgue como alguém com implantes, transplantes, próteses, órgãos artificiais, anabolizantes, estados artificialmente induzidos, realidades virtuais e tantas outras possibilidades de manipulação do corpo por meio da tecnologia.

Donna Haraway, uma das estudiosas mais consagradas sobre seres ciborgues, considera a ida a uma academia de ginástica como uma atitude característica do tratamento do corpo como uma máquina de alta performance. Sua declaração “prefiro ser uma ciborgue a ser uma deusa” (KUNZRU, 2000, p.23), causou impacto, já que desafia a tradicional concepção feminista de que ciência e a tecnologia são pragas patriarcais a assolar a superfície da natureza.

E ainda ressalta que a tecnologia não é ruim nem boa, e não é neutra. Assim, não se pode afirmar onde acaba o ser humano e máquina, a relação é extremamente íntima. Visto

que, muitos equipamentos se tornaram extensão do corpo humano como o uso do celular. Essas máquinas ubíquas criam uma situação de estímulos e respostas promovendo uma relação natural entre homem e máquina.

Assim ao perceber que nossa realidade é líquida, movimentada, com montagens até mesmo conflitantes, e nela se entrelaçam política, cultura, tecnologia, ciência e poder, é possível assegurar que somos todos ciborgues.